

Crise do dólar eleva dívida externa nos EUA

por Cecília Costa
de São Paulo

Para onde vai o dólar? Essa questão crucial vem preocupando especialistas, autoridades governamentais e agentes econômicos dos países industrializados, principalmente europeus. Enquanto perdura a crise do dólar, cada vez maiores as projeções futuras quanto ao rescimento do endividamento externo líquido dos Estados Unidos.

Segundo o economista italiano Ricarco Parboni, professor da Universidade de Modena, que anteontem à noite participou de painel de debates sobre a "A crise do sistema monetário internacional", durante a Conferência Internacional sobre a Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, as estimativas da dívida externa dos Estados Unidos para 1990 já estão oscilando entre US\$ 600 bilhões e US\$ 900 bilhões (a dívida externa líquida dos EUA agora em 1986 está em cerca de US\$ 200 bilhões).

Para as exportações norte-americanas, no entanto, as projeções são de que no máximo deverão alcançar os US\$ 300 bilhões, apesar da desvalorização cambial recente de cerca de 40%, que ainda pode chegar aos 50%. Esses números geram a perspectiva de uma relação exportações/endividamento externo extremamente perigosa, não só para os EUA mas também para o resto do mundo.

Tudo leva a crer, conseqüentemente, para carboni, que não está descartada a hipótese de que um dia a queda do dólar venha a ser tão forte que haja uma corrida de investidores para fora dos EUA, acarretando a necessidade de nova alta dos juros e recessão mundial, com conseqüências danosas para o mundo capitalista.

Dentro deste quadro, foi extremamente importante, acentuou, o acordo feito em outubro deste ano entre Japão e Estados Unidos, que visou manter uma paridade fixa entre o dólar e o iene (de 160 ienes para 1 dólar). Com esse acordo, os Estados Unidos estavam tendendo dar segurança a investidores japoneses em relação às aplicações que detêm no mercado financeiro norte-americano de curto prazo e que financiam o déficit fiscal de US\$ 200 bilhões.

Só que o acordo, além de poder ser quebrado — já começou, aliás, a ser desrespeitado —, tem um ponto frágil: desagradou aos europeus. Ao dar segurança ao Japão, os EUA tornam a Europa mais insegura, pois, como afirmou Parboni, bastante preocupado em relação a seu próprio país, a Itália, as autoridades monetárias norte-americanas deverão passar a concentrar a desvalorização do dólar especificamente nas moedas européias.